



## Traços de mineiridade nos telejornais da TV Alterosa e da Rede Minas<sup>1</sup>

Christina Ferraz MUSSE<sup>2</sup>

Mila Barbosa PERNISA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora – Minas Gerais

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar as marcas de pertencimento que podem ser identificadas em dois telejornais de abrangência estadual, em Minas Gerais, para saber de que forma eles dão concretude aos aspectos regionais, diferenciando-se dos produtos realizados em outros estados, e também de que forma o contexto de produção, sendo uma das emissoras estatal e a outra privada, influenciam no tratamento dado às matérias jornalísticas. Nos telejornais *Jornal da Alterosa* – 2ª edição, e *Jornal Minas* – 2ª edição, analisamos as características das notícias, observando se elas incorporam uma narrativa mítica sobre o estado de Minas Gerais ou contemplam a diversidade cultural das muitas vozes que compõem o estado.

**Palavras-Chave:** telejornalismo, identidade, popular, público, privado.

### A construção do lugar de pertencimento

O sentimento de pertencimento a um lugar, a um espaço, a um tempo tem sido cada vez mais mediado pelos veículos de comunicação. As mudanças aceleradas de cenários, possíveis através da evolução em especial dos sistemas de transporte e de telecomunicações definiram novas subjetividades, cada vez mais construídas por ambientes desvinculados do território físico e modeladas em complexas redes de dados que criam fidelidades não mais baseadas na vizinhança, mas no fluxo contínuo de imagens e sons. É quase impossível tentar contabilizar a produção de informação neste cenário instável e mutante. Um parâmetro simples: “É só você ver o número de títulos da biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, que triplica a cada dois anos, o que significa, teoricamente, que o conhecimento em livros triplica a cada dois anos.” (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 46). Dessa forma, o que distingue os veículos, o tratamento dado às informações, de forma que eles consigam não só conquistar uma audiência, mas também estabelecer uma relação de fidelidade entre os leitores, ouvintes, espectadores, usuários, o público, enfim, para garantir a própria sobrevivência?

Canclini (1999) aponta para o fato de que os laços sociais que, antes, eram mantidos entre as populações pelo contato da vizinhança nos bairros, pela proximidade dentro da escola, ou pelo convívio para o lazer e o consumo, no centro da cidade, hoje, se encontra disperso. No ponto de vista dele, haveria uma tendência à homogeneização

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao GP Telejornalismo, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do PPGCOM/UFJF; musse@terra.com.br.

<sup>3</sup> Aluna do PPGCOM/UFJF; mpernisa@gmail.com.



do discurso e a um tratamento indiferenciado dos meios de comunicação em relação ao indivíduo, percebido pelo autor como massa indistinta e passiva, que tenderia a ser manipulada e alienada da realidade pelos meios de comunicação:

A expansão territorial e a massificação da cidade, que reduziram as interações entre os bairros, ocorreram junto com a reinvenção de laços sociais e culturais que passam através do rádio e da televisão. Atualmente, são estes meios que, com sua lógica vertical e anônima, diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade. (CANCLINI, 1999, p.102).

Os deslocamentos, a estimulação infinita das necessidades e a instantaneidade dos prazeres, característicos da hipermodernidade e do turboconsumismo (LIPOVETSKY, 2007) levaram a uma nova configuração das sociabilidades, hoje, inevitavelmente determinadas pela mediação das narrativas das corporações de comunicação, uma “tecnointeração”, caracterizada por Muniz Sodré, como uma “espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível”. (SODRÉ, 2002, p.21). Virilio (1999) já destacava o efeito dessa nova forma de relação social nas cidades, em que havendo uma subversão entre o público e o privado, o próximo e os distante, tender-se-ia cada vez mais para a desurbanização, isto é, a decadência do face a face humano em detrimento da interface homem/máquina, que atingiria seu clímax na constituição de ambientes virtuais, como aqueles típicos de jogos eletrônicos como *Second Life*.

Mas, mesmo no cenário marcado pela efemeridade e inconstância, Hall (2001) apontava para uma saída menos apocalíptica, observando entre as populações mais nômades e desenraizadas uma tendência à construção de novas identidades, as “identidades híbridas”, que caracterizariam comportamentos menos influenciados pela “tradição”, mas, pela “tradução” (BHABHA, 1998), isto é, evidenciando a procura por referências, por laços de pertencimento, que se construiriam, agora, a partir do ponto de vista das minorias até então destituídas de um lugar de fala. Através do barateamento e da facilidade de acesso aos novos objetos de comunicação, como celulares, câmeras digitais e computadores, essas minorias tenderiam a se organizar e a disputar espaço na produção de bens simbólicos, estabelecendo redes alternativas de comunicação, em especial na *Web*.

Do ponto de vista de vários teóricos (BARBERO; PEREIRA JÚNIOR; WOLTON) os programas exibidos pelas grandes redes de canais abertos de televisão,



em especial na América Latina, também seriam responsáveis pela construção de novos laços de pertencimento, isto é, na falência do modelo do Estado de Bem-Estar Social, na distância que, nos países periféricos, as populações se encontram em relação à prestação de serviços pelos órgãos públicos, os veículos de comunicação passariam a suprir as necessidades mais urgentes de informação e esclarecimento, tornando-se verdadeiros ordenadores do caos reinante. Além disso, ao privilegiar o atendimento ao telespectador, trazê-lo para “dentro” da redação, como um parceiro na elaboração das pautas, através de suas sugestões, ou como um colaborador que é entrevistado “ao vivo” nas ruas ou no estúdio para expor ou ver atendidas suas reivindicações, a televisão dá um rosto àquele antigo receptor anônimo. Isto é, nas palavras de Alfredo E. Vizeu Pereira Júnior (2006), transformar a televisão na nova “praça pública”.

A aplicabilidade dessas questões pode ser observada pela mudança do formato e do conteúdo de vários telejornais, inclusive aqueles que fazem parte da grade de programação da campeã de audiência neste quesito: a Rede Globo de Televisão. No *Seminário Temático Intercom: o Jornalismo da TV Globo*, realizado nos dias 2 e 3 de julho de 2009, no Rio de Janeiro, o diretor regional de Jornalismo da emissora carioca, Renato Ribeiro, lembrava a necessidade de uma nova postura: “Nós queremos chegar perto, junto. Até no jeito de escrever os textos. [...] Nós somos vizinhos dessas pessoas. Se não, nós ficamos isolados.” (RIBEIRO, 2009). Tal postura envolve uma mudança no comportamento de repórteres e apresentadores, que, cada vez mais, tendem a estar próximos ao espectador. A bancada, antes reconhecida como um espaço sagrado, o “lugar de fala” do telejornal, é, agora, vista como espaço de “isolamento”. “Há uma tendência às entrevistas cada vez mais soltas, uma tendência à quase se abandonar o *script*.” (RIBEIRO, 2009). Nesse viés, o “jornalismo de cidade” tem que provocar a satisfação do telespectador e, portanto, tem que tomar posse de um território, real e simbólico. Para isso, serve de exemplo a decisão da emissora do Jardim Botânico de instalar no Morro Santa Marta, em Botafogo, um ponto de atendimento ao público. “A polícia foi para o Santa Marta, tirou os traficantes, aí, então, nós montamos a nossa barraquinha lá. Ficamos um mês no Santa Marta. Depois, fomos para a Cidade de Deus.” (RIBEIRO, 2009). O objetivo é chegar a outros morros do Rio de Janeiro, como Chapéu Mangueira e Babilônia, numa tentativa de levar as autoridades até lá, mostrando os problemas e, depois, voltando para contabilizar os resultados. Nesse sentido, os repórteres interagem mais na rua com a comunidade, e os âncoras (apresentadores que também comentam as notícias e entrevistam) chegam até mesmo a se referir aos



telespectadores como os “amigos do RJ TV[telejornal regional veiculado pela TV Globo do Rio de Janeiro]”. Ao buscar um diferencial em relação à concorrência, a Rede Globo tem apostado no jornalismo mais coloquial, informal, “mais próximo ao público”, produzido quase que em parceria, e com grande ênfase na prestação de serviços às comunidades.

Observa-se, hoje, com o aumento do poder de consumo das classes de menor poder aquisitivo da população brasileira, inclusive no quesito de consumo de informação, uma concorrência mais acirrada entre as redes de televisão, em especial, aquelas com programação mais popular. Não é nossa pretensão comparar as medições de audiência, mas observarmos como a disputa cada vez mais intensa pela atenção do telespectador tem configurado de uma nova forma a programação, em especial a de gênero jornalístico. Sabendo que essas mudanças se fazem a partir dos grandes centros de produção, em especial São Paulo e Rio de Janeiro, procuramos repercuti-las no estado de Minas Gerais que, apesar de ter o segundo maior PIB (Produto Interno Bruto – soma dos bens e serviços produzidos) brasileiro ainda tem uma posição acanhada em relação às outras capitais, quando o assunto é a quantidade de produtos televisivos elaborados no estado. Assim, a nossa questão será a de perceber de que forma os dois principais telejornais da TV Alterosa (afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT) e da Rede Minas, de cobertura estadual, tratam a questão da mineiridade, numa perspectiva da diversidade cultural ou pautando-se por um ponto de vista tradicional, oficial e unilateral.

### **A mineiridade e a televisão**

No início da República, a fragmentação interna da província das Minas já era uma preocupação constante das elites mineiras, o que inspirou a idéia do “mosaico mineiro” (DULCI apud ROCHA, 2003, p.84), composto de zonas bastante diferenciadas entre si e que não apresentavam nenhum centro urbano que as liderasse. Várias regiões se mantinham isoladas, outras gravitavam em torno de pólos comerciais externos, como os portos do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. É, neste cenário, que a política mineira visualiza a construção de uma nova capital – Belo Horizonte – como chance de integrar o estado, da mesma forma que os políticos mineiros recorrem aos apelos da “prudência”, “conciliação”, “equilíbrio”, e “unidade de Minas” (BONEMY, 1994, p.16) para forjar um imaginário capaz de implantar e ordenar o estado. Na gestação daquilo



que Rocha (2003) descreve como o “mito da mineiridade”, há uma participação intensa da imprensa, que representaria, na virada do século XIX para o século XX, os ideais republicanos de construção da Nação, de industrialização e de incrementação dos centros urbanos que, no final das contas, serviriam para “auxiliar a legitimação do domínio das elites”. (ROCHA, 2003, p.88).

Se a mineiridade foi tratada como um discurso mítico para construir o imaginário do estado, é certo que a diversidade que caracteriza a realidade do território não foi contemplada por essas narrativas. Nelas, Minas sempre parece estacionada num momento cristalizado da história: é a Minas barroca, das cidades coloniais, do ouro e do diamante, das igrejas, dos tropeiros, do sertão, que surge resgatada nos folhetos de turismo, mas também nas páginas dos cadernos especiais da imprensa escrita, nos textos de teledramaturgia, nas datas comemorativas, em especial aquelas do calendário religioso, em que as imagens das procissões do Senhor Morto ou os tapetes decorados de Corpus Christi têm entrada garantida nos telejornais de rede da mídia televisiva. As muitas outras Minas não são objeto de atenção especial, não costumam ocupar espaço na agenda noticiosa nacional.

É curioso observarmos esse descompasso entre a realidade narrada, que parece operar no nível do mito, e a realidade das cidades, cada vez mais espaço da heterogeneidade, da pluralidade e das tensões. Renato Cordeiro Gomes chama-nos a atenção para a conformação de “novos e imprevisíveis lugares de enunciação”. “A arena cultural indica um campo de batalha simbólico (das artes e das indústrias da cultura) que, na sua polifonia, faz da cidade o palco de uma guerra de relatos.” (GOMES, 2008, p. 181). Nessa arena, a comunicação surge como elemento indispensável de acesso ao urbano, segundo o autor.

Para compreendermos a questão, é interessante que procuremos analisar de que forma as questões mineiras têm sido abordadas em dois dos principais telejornais do estado, tentando observar se há abordagens temáticas diferentes, na emissora estatal e na emissora privada. Baseando-nos no que nos diz Vera França: “Entendemos as práticas comunicativas como lugares de produção de sentido, lugares de repetição e consonância, mas também de rupturas e dissonâncias”. (FRANÇA, 2006, p. 10). Dessa forma, estamos propondo analisar dois programas jornalísticos, tentando encontrar neles não a propalada “monofonia” aliada às narrativas da televisão, mas a possibilidade de uma “polifonia”. (ibid., p.10). A autora argumenta que se, por um lado, a televisão é “responsável pela disseminação e partilhamento de códigos, referências, representações



e pelo estabelecimento de uma pauta ou roteiro de atenção”, por outro, ela realiza “interloquções diferenciadas” (ibid., p. 22-23). É neste sentido, que a autora enfatiza a “natureza polimorfa ou eclética da televisão, ou seu lugar de espaço público, lugar e acolhimento e caixa de ressonância de diferentes falas sociais” (ibid., p. 28)

Podemos falar da TV como uma arena de discursos – lugar onde ecoam e ganham visibilidade os diferentes atores da vida social. Esta constatação, no entanto, não deve obliterar o reconhecimento da dominância de certos discursos (os grupos não falam em igualdade de condições, e empiricamente é possível constatar a presença de falas hegemônicas) – o que, no entanto, não advém ou não é uma característica do meio televisão, mas da própria estrutura social da qual a atividade televisiva faz parte. (ibid., p. 28).

Iluska Coutinho e Frederico Belcavello Guedes, ao analisar a produção televisiva na contemporaneidade, chamam a atenção para o universo fragmentado das identidades, pano de fundo para a elaboração de novas narrativas que traduzam a ideia de pertencimento.

O sujeito passa a assumir diferentes identidades, uma vez que sua relação com a sociedade não se dá mais com verdades absolutas, com instituições ou instâncias fixas e estáveis. Fragmentados os processos de produção de significação, a sobrevivência do sujeito na construção de sua identidade está condicionada à relativização de cada relação de identificação e diferenciação à qual se submete. Isso pode até mesmo revelar a coexistência de identidades conflitantes em um mesmo sujeito, que, segundo as combinações das experiências de tempo e espaço, jamais sejam colocadas em real situação de confrontação. (COUTINHO;GUEDES, 2008, p. 100).

A fragmentação identitária está aliada à incorporação de novas temáticas pela televisão. Vera França chama a atenção para o fato de que as classes populares, até então pouco representadas no veículo, hoje, conquistam um espaço cada vez mais expressivo. “Algo mudou: os temas, a realidade e os próprios sujeitos dessas classes se apresentam na TV. O que mudou?” (2006, p. 41). E a autora completa:

Se a cultura de massa, desde sua origem, teve como uma de suas características centrais o sincretismo, este acontecia, entretanto, a partir dos imaginários reconhecidos pelas culturas convencionais (nacionais, religiosas, clássica, etc.). A linha de corte se situava sempre acima desse universo lodoso que é a vida, a experiência e o cotidiano das classes populares. (ibid., p.42).



Ao se apropriar desses novos relatos, ao revelar esses novos rostos, a televisão deixa de representar apenas aquilo que se colocava como desejável para as classes médias, até então aquelas que configuravam o grosso do mercado de consumo. Nos últimos anos, a incorporação de novas vozes ao cenário social, seja via poder aquisitivo, ou através da organização política da sociedade civil, transformou a agenda dos veículos de comunicação. Inicialmente, essa incorporação se fez através dos programas de auditório e da teledramaturgia, mais recentemente, invadiu o espaço dos telejornais, que passaram a pautar assuntos até então considerados à margem.

Essa “nova” televisão, segundo Vera França, “[...] é apenas uma televisão que acolhe questões, temas e sujeitos que saem do gueto e passeiam pela cidade, povoam a rua.” (ibid., p. 42). A autora não considera que esta seja uma televisão revolucionária, nem mesmo uma televisão pautada por uma “maré de detritos”, mas, exatamente a televisão que representa a “hibridação confusa e perigosamente instável das ruas.” (ibid., p. 43). Talvez essa nova postura explique a tendência do veículo a noticiar cada vez mais acontecimentos que fazem parte do cotidiano das periferias, marcado pela violência do dia-a-dia. Os “personagens” que narram as cidades não são mais aqueles que habitam os reluzentes prédios de escritórios dos centros, nem os que se protegem atrás das guaritas dos condomínios de luxo, mas as multidões que se espremem nos ônibus e metrô, ou sobrevivem na precariedade do alto dos morros.

Nosso interesse é verificar de que forma, então, os principais telejornais de duas emissoras mineiras, a TV Alterosa, emissora privada afiliada ao SBT, e a Rede Minas, que faz parte do sistema de emissoras públicas do Brasil, procuram representar o estado em seus telejornais de alcance em todo o território mineiro. Até que ponto essas narrativas telejornalísticas conseguem dar visibilidade às identidades fragmentadas, em trânsito, configuradas pelo processo avançado de urbanização e o avanço das tecnologias de transportes e telecomunicações. Qual é a Minas Gerais vista na TV?

### **Análise do *Jornal da Alterosa* (JA) e do *Jornal Minas* (JM)**

Para investigarmos se há marcas de mineiridade, no aspecto da diversidade cultural que o termo implica nos dias de hoje, nos telejornais de abrangência estadual e, ainda, se há diferenciação na abordagem das notícias entre o telejornal da rede estatal e o da rede comercial, analisamos dois produtos. O *Jornal da Alterosa* (JA) – 2ª edição (19h), da TV Alterosa, afiliada ao SBT, e o *Jornal Minas* – 2ª edição (20h), da Rede



Minas (emissora pública). Nossas questões centrais são: De que forma eles dão concretude aos aspectos regionais? Sendo uma emissora estatal e outra privada, há diferença no tratamento dado às matérias?

Antes de analisarmos o conteúdo dos telejornais, é importante, reproduzirmos as informações institucionais divulgadas nos *sites* oficiais das duas emissoras.

A Rede Minas foi criada em 1984, como uma emissora estatal de interesse público com objetivo de promover o intercâmbio de valores, educação e cultura entre a população de Minas Gerais. A Rede Minas é uma TV de caráter cultural e educativo, que há mais de 20 anos forma e consolida valores da sociedade, contribuindo ativamente para a construção da cidadania. A emissora está integrada à política cultural do Estado de Minas Gerais através da Secretaria de Cultura. (www.redeminas.org, 2009).

Especificamente sobre o telejornal que vamos analisar, está registrado que: “O *Jornal Minas 2ª Edição* traz a cobertura dos fatos do dia na capital e notícias do Interior de Minas. Atualidades, Economia, Esportes e Cultura tratados de forma dinâmica e analítica.” (www.redeminas.org, 2009).

No *site* da TV Alterosa encontramos o seguinte texto institucional, que caracteriza a missão da emissora como aquela “TV que o mineiro vê”:

Uma forte identificação com Minas e os mineiros. [...]. Presente em todos os cantos de Minas, do Jequitinhonha às cidades históricas, do Triângulo Mineiro ao Vale do Aço, a TV Alterosa alcança 98% de cobertura em todo o estado. [...]. Hoje, seu sinal é recebido em 843 municípios do estado, via satélite ou através de geradoras em Belo Horizonte, Varginha, Juiz de Fora e Divinópolis. Equipes de reportagem e atendimento comercial garantem uma maior integração dos assuntos de interesse local e proximidade com os nossos telespectadores de todo o Estado. Muito mais do que um sinal de qualidade para 18 milhões de mineiros, a TV Alterosa representa parte do cotidiano de Minas, sua linguagem e seus hábitos. É a TV que trata dos assuntos com clareza, objetividade e naturalidade, do jeito que o mineiro gosta. É a voz da comunidade, reconhecida e aclamada nas ruas. É a TV entendida e anunciada pelo público como a TV que o mineiro vê, *slogan* escolhido pelo próprio telespectador em campanha interativa. (www.alterosa.com.br, 2009).

Sobre o telejornal *Alterosa*:

O *Jornal da Alterosa* é o telejornal de Minas Gerais. O noticiário que fala, diariamente, das cidades e regiões do estado, seus eventos, seu desenvolvimento, sua cultura e outros assuntos de grande interesse para o cidadão. O *Jornal Alterosa* oferece informação, cultura e entretenimento e é um canal de expressão da população. Além da





editoria da capital, equipes trabalham em outras regiões de Minas – Varginha, Juiz de Fora, Ipatinga, Uberaba, Divinópolis e Montes Claros – na produção de reportagens para o telejornal. (www.alterosa.com.br, 2009).

A Rede Minas possui 46 afiliadas, entre TVs educativas e universitárias, e a Alterosa afirma que atinge 98% do território de todo o estado. Diante da “declaração” oficial de cada emissora analisada, percebemos a intenção de criar uma imagem de veículos que criam vínculos com o espectador, que pretendem estabelecer uma relação entre os mineiros, criando uma noção de pertencimento no telespectador. Ao escrever, por exemplo, “com objetivo de promover o intercâmbio de valores, educação e cultura entre a população de Minas Gerais”, a Rede Minas propõe, por meio do seu telejornal noturno, promover a integração do estado. O mesmo pode ser explicitado na Alterosa, quando anuncia: “O noticiário que fala, diariamente, das cidades e regiões do estado, seus eventos, seu desenvolvimento, sua cultura e outros assuntos de grande interesse para o cidadão.” (www.alterosa.com.br, 2009). Mas será que este é um compromisso que se estabelece na prática?

Foram analisadas três edições de cada telejornal, nos dias 16, 17 e 19 de junho de 2009. Foi uma amostra aleatória, não se detendo a algum evento específico que pudesse influenciar na escolha. Os telejornais foram selecionados para o estudo pela proposta de regionalização e já que atingem praticamente todo o estado; os de outras emissoras são locais ou de âmbito nacional.

Analisando a estrutura visual, os cenários são neutros, mas com toques vermelhos (talvez com o intuito de remeter às logomarcas de ambas as emissoras que, por sua vez, podem estar fazendo referência ao triângulo vermelho da bandeira de Minas Gerais). Os apresentadores se vestem e têm posturas semelhantes e ainda trabalham de forma distanciada em relação ao espectador, embora a apresentadora da TV Alterosa se movimente pelo estúdio e não fique presa à bancada. No quadro *Alô, Alterosa*, ela exhibe o problema narrado por um telespectador. A atração é previamente gravada, mas não tem periodicidade fixa. Quanto às características que possam remeter à mineiridade, como narrativa mítica, podemos falar das imagens do encerramento do JA, que “fecham” em um cenário com peças de artesanato mineiro, no próprio estúdio. Os diálogos entre a apresentadora e o repórter de rua são raros, acontecendo, em especial, nas coberturas esportivas.

Apesar de destacarem que têm o objetivo de mostrar as várias regiões de Minas, em ambos os telejornais, a grande maioria das matérias são de acontecimentos em Belo Horizonte ou com apuração feita na capital ou, ainda e em menor quantidade, na região metropolitana. Quando o destaque vai para outras regiões do estado, normalmente é por causa de fatos “extraordinários”, como acidentes em estradas, operação da polícia federal, casos de violência, escândalos políticos, doenças... Matérias ao vivo parecem não ser obrigatórias em nenhum dos dois programas.

Pontualmente, nos três dias analisados para este artigo, os destaques de cidades que não a capital estavam relacionados a acidentes em estradas (em ambos os telejornais: próximo a Pedro Leopoldo, outro em Imbiá e Campos Altos); escândalo político: Prefeitura de Ipatinga queima remédios vencidos (JA); leishmaniose em Bambuí, próximo a Divinópolis (JA); toque de recolher para adolescentes em Patos de Minas (JM) e medalhista das Para-Olimpíadas, de Camanducaia, recebe homenagem no Japão (JM).

Curiosamente, a cultura não ganha grande espaço como proposto nos *sites*. E, quando apareceu no JÁ, no dia 16 de junho, foi uma auto-divulgação: um show promovido, no Teatro Alterosa, de um grupo conhecido nacionalmente, mas que tem sua origem no sul do país. Ou seja, o que nos parece é que a cultura se resume à agenda de final de semana. Como dentro do imaginário que envolve Minas a cultura é fato marcante, esta é uma observação importante, já que as possibilidades e oportunidades de divulgação das muitas Minas ficam realmente restritas. Inclusive na própria agenda cultural do *Jornal da Alterosa* do dia 19, que divulgou: estreia nos cinemas do filme *Transformers* (*blockbuster* americano); dois shows musicais de destaque no cenário mineiro e nacional – Milton Nascimento e Skank -, mas que aconteceriam em Belo Horizonte; um show em Juiz de Fora e duas comédias teatrais também em Belo Horizonte. Onde aparece a diversidade cultural mineira?

No mesmo dia, no *Jornal Minas*, a cultura foi representada pela estreia do filme *Jean Charles*, que conta a história de um mineiro morto em metrô de Londres por suspeita de terrorismo, estrelado por Selton Mello. Interessante foi a *cabeça* (no jargão telejornalístico, corresponde ao texto lido pelo locutor que introduz a exibição de uma reportagem jornalística) da matéria: “Mineiro sai do interior do estado e vai parar no noticiário do mundo inteiro. [...]. O filme foi exibido em Gonzaga, no Vale do Rio Doce [...]”. E o telejornal se encerra com cenas do filme. Vale lembrar que o *Jornal Minas* do



dia 17 de junho terminou com chamada para o [programa] *Agenda* e imagens do circo que seria tema do programa exibido logo em seguida.

Sobre notícias relacionadas ao governo de Minas, nos três dias analisados, não observamos um enfoque distinto no destaque para suas ações. E também pouca diferença de abordagem das notícias, ambos com caráter de *release* (comunicado à imprensa), ou seja, foram “pautados” pela assessoria do governo. No dia 16 de junho, foi assinado o contrato para a construção do primeiro presídio brasileiro com parceria entre governo e iniciativa privada, que será em Ribeirão das Neves (região metropolitana de Belo Horizonte). Enquanto que o *Jornal Alterosa* exibiu *off* (texto lido pelo repórter e ilustrado pelas imagens do repórter cinematográfico que constituem o corpo da matéria telejornalística) do repórter e trecho do discurso do governador Aécio Neves, o *Jornal Minas* entrevistou o governador e também o secretário de segurança de Minas Gerais.

No dia 17 de junho, o *Jornal da Alterosa* não divulgou nenhuma notícia relacionada ao governo, enquanto que o *Jornal Minas* fez uma matéria de grande destaque sobre a inauguração de um centro de cultura – Plug Minas – em um prédio reformado onde funcionou a Febem. A repórter entrevistou Andréia Neves, irmã do governador de Minas Gerais e presidente do Servas (Serviço Voluntário de Assistência Social), o governador Aécio Neves, o gerente do local, um psiquiatra que trabalhou na antiga Febem e dois jovens que fazem parte do projeto. Um tema de interesse da comunidade, que não foi abordado pela TV Alterosa, pelo menos no dia da inauguração do centro de cultura, mas que, ao ser mostrado pela Rede Minas, não deixou de apresentar um caráter institucional.

Em 19 de junho, ambos os telejornais divulgaram a Campanha de Multivacinação, que aconteceria no sábado em todo o estado mineiro. A repórter do JA entrou ao vivo com a secretária do Estado de Saúde e, após a entrevista, divulgou os locais de vacinação em Belo Horizonte. O *Jornal Minas* iniciou a notícia com a logomarca da campanha do governo e fez uma matéria com várias fontes: uma médica orientando uma mãe com seu bebê, a sonora da mãe, a entrevista de três vítimas de poliomielite (inclusive um casal portador). A reportagem explicou o que é a doença e teve um apelo mais educativo do que o jornal da rede privada.

Dois assuntos importantes e de interesse do cidadão foram abordados pela emissora estatal e poderiam ter sido “gancho” (assunto que motiva outro, no jargão jornalístico) para a TV Alterosa: os números da gripe A (gripe suína) em Minas Gerais



foram divulgados durante os três dias no telejornal da Rede Minas. Curioso é o fato de que em nenhuma das notícias – seja em nota coberta (informação lida pelo locutor e ilustrada por imagens) ou com repórter – a gripe foi chamada de gripe suína. O tempo todo foi Gripe A ou novo vírus Influenza. O outro assunto abordado durante a semana, com uma série de reportagens especiais, foi o primeiro ano da Lei Seca no Brasil. Foram divulgados números de acidentes, comparações com anos anteriores, entrevistas com motoristas em bares, entrevistas com especialistas em segurança, médicos do Hospital de Emergência de Belo Horizonte, e com autoridades, como peritos da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal. Apesar de ser uma série especial, a cada dia abordando um lado da história (estatísticas, cidadãos sem consciência, educação, vítimas), as fontes das entrevistas em bares foram as mesmas em todas as matérias – foram aproveitados diversos trechos diferentes de uma mesma apuração, feita em locais de Belo Horizonte. O que pode ser uma comprovação de que a capital se mantém como principal referência em qualquer assunto, apesar da diversidade e singularidade de cada região do estado.

Mesmo que se percebam alguns assuntos diferenciados entre os dois telejornais, as características principais são muito semelhantes: divulgação de acidentes nas estradas mineiras – seja em notas cobertas ou *off* do repórter, assuntos de interesse restrito ( o *Jornal Minas* fez uma extensa matéria sobre descontos em pacotes de viagens nacionais e internacionais, em uma agência turística de Belo Horizonte), poucos assuntos ligados a meio ambiente, cidadania ou cultura, grande cobertura dos principais times de futebol mineiros (Atlético e Cruzeiro), concentração de reportagens em Belo Horizonte. Isso nos mostra uma contradição, quando lemos, no *Manual de Procedimentos para o Jornalismo Público*, da Rede Minas, as seguintes orientações:

Para o Jornalismo Público, mais do que estabelecer um receituário de regras rígidas, o desafio é encontrar diferenciais capazes de oferecer alternativas às mesmices de linguagem e agenda editorial, que vêm tornando o telejornalismo tão igual em todas as emissoras.

Por isso mesmo, há que se buscar permanentemente a abordagem de temas que dizem respeito à qualidade de vida (meio ambiente, ciência e tecnologia), à promoção da cidadania (prestação de serviços, direito do cidadão, iniciativas populares), aos processos públicos (políticas públicas, decisões do poder público) e ao enriquecimento cultural, com o enfoque voltado para o interesse público e não exclusivamente para o indivíduo. (PASSOS, 2002, p.11).



Até o momento o que observamos é que há pouco investimento nos dois produtos jornalísticos em termos de inovação de formato e linguagem que visem à incorporação do popular, isto é, que evidenciem uma maior aproximação dos jornalistas com o público e até mesmo uma parceria na confecção do produto jornalístico. No quesito conteúdo, não há diversidade e nem mesmo uma preocupação mais intensa com o interesse público, no sentido da promoção da cidadania, apesar da prestação de serviços, que é mais imediata, fazer parte do cardápio diário dos noticiários.

## **Conclusão**

Nesta breve análise, podemos observar que os dois telejornais, exibidos em praticamente todo o território mineiro, não contemplam o que elencamos como o interesse público, em especial no caso da emissora estatal, e a diversidade mineira, apesar de ambas as redes terem afiliadas em todo o estado. Repete-se, aqui, a centralização da produção na capital mineira, com um apelo indisfarçado, na Rede Minas, pela agenda oficial do governo, que necessariamente, não corresponde à agenda pública, se pensarmos o público, como uma representação da sociedade civil, em suas múltiplas facetas, portanto, muito mais ampla do que o Governo. Outra constatação importante: entre os critérios editoriais que orientam as duas emissoras, continuam a pesar os valores-notícias, que privilegiam o factual, a importância dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos, a excepcionalidade, os números, etc. Não notamos um compromisso diferenciado da emissora estatal e da privada no trato da informação. Há uma repetição das pautas e não há um diferencial no tratamento que repórteres e editores dão à informação. Com relação ao uso de novas tecnologias para agilizar o contato com o público, como percebemos, hoje, na Rede Globo de Televisão, que prioriza “entradas ao vivo” e incorpora nos textos dos apresentadores as referências à *web*, observamos que nos dois telejornais analisados, há uma prevalência de matérias previamente gravadas, o que evidencia menor agilidade de produção, ao mesmo tempo em que não se articulam tanto os suportes midiáticos, isto é, as interrelações entre TV e internet. Quando pensamos em outra questão levantada na abertura deste artigo, isto é, conseguiríamos identificar uma “marca” da mineiridade, um “sotaque” regional que diferenciaria esses produtos jornalísticos de outros produzidos em outras regiões, observamos que, mesmo neste quesito, prevalece a padronização instituída em todo o país a partir da ascensão do modelo de rede, a partir dos anos 70 do século passado.



Repórteres e repórteres cinematográficos, editores e apresentadores parecem seguir o mesmo manual, desde sempre. Não há uma mudança de abordagem, seja no formato de produção, seja na linha editorial, isto é, alterando-se a referência ao local do fato, pouco distinguiria um evento em Formiga (MG), de outro em Bauru (SP), ou Macaé (RJ). De certa maneira, o tão propalado telejornalismo regional, que ganhou força, em termos de proposta, na década de 90, com experiências iniciadas pela Rede Globo, no interior de São Paulo, visando inclusive a uma maximização da receita comercial, através de uma maior captação dos anunciantes regionais, não se observou, concretamente, na grade de programação das emissoras que fogem do eixo Rio-São Paulo, onde se concentra a produção de programas telejornalísticos e de outros gêneros, das grandes redes nacionais.

## Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BONEMY, Helena. *Guardiões da razão – modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- COUTINHO, Iluska; GUEDES, Frederico Belcavello. Identidades e representações na TV local. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JR, Potiguara Mendes da (orgs.). *Comunicação e cultural visual*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p. 97-117.
- DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. *Fomos maus alunos*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FRANÇA, Vera (org). *Narrativas televisivas: programas populares na TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, Renato Cordeiro. Da metrópole à cibercidade – cultura e cosmopolitismos. In: \_\_\_\_\_, MARGATO, Izabel (orgs.). *Espécies de espaços – territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 179-195.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- MARTINS, Simone Teixeira. *Identidade no telejornalismo local: a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu público*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2009.



MUSSE, Christina Ferraz. *Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV*. CD-ROM do VI Congresso Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): 2008.

PASSOS, Marcelo. *Manual de Procedimentos para o Jornalismo Público*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Rede Minas, 2002.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu, PORCELLO, Flávio Antônio Camargo, MOTA, Célia Ladeira. *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

REDE MINAS – [www.redeminas.tv](http://www.redeminas.tv). Acesso em 25/06/2009.

RIBEIRO, Renato. *Cobertura de eventos locais e eventos culturais*. Palestra. Seminário Temático Intercom: o Jornalismo da TV Globo. Rio de Janeiro: TV Globo, 2009.

ROCHA, Simone Maria. *A “mineiridade em questão”*: do discurso mítico ao discurso midiático. Tese de doutorado. Escola de Comunicação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TV ALTEROSA - [www.alterosa.com.br](http://www.alterosa.com.br). Acesso em 25/06/2009.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. São Paulo: Editora 34, 1993.